

PROVΦCARE

.....

FESTIVAL DE FILOSOFIA DE ABRANTES

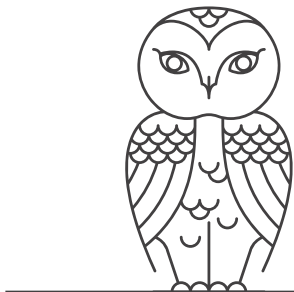


O P O D E R

18 – 21
NOV'26

BIBLIOTECA
MUNICIPAL
ANTÓNIO
BOTTO
ABRANTES

.....



O **Festival de Filosofia de Abrantes** regressa à Biblioteca Municipal António Botto para nos convocar para um desafio urgente e transformador: reconhecer e afirmar o poder da verdade. Num tempo em que a desinformação e a manipulação narrativa procuram enfraquecer o rigor dos factos, esta edição propõe uma reflexão sobre a verdade, não apenas como um valor abstrato, mas como uma força viva, capaz de sustentar a liberdade e guiar a ação humana.

A verdade exige coragem e vigilância constante. Ela não é uma ilusão, mas sim o alicerce sobre o qual construímos a confiança, o conhecimento e a tomada de decisão.

Compreender o poder da verdade implica enfrentar o ruído do mundo contemporâneo, dismantelar as arquiteturas do engano e resgatar a clareza factual necessária para manter a coesão social e a integridade ética.

Mais do que um ciclo de conferências, o festival afirma-se como um espaço de desarmamento intelectual e pensamento crítico. Convida-se o público a abdicar da certeza e a exercer a dúvida como via para alcançar a verdade. Aqui, a filosofia serve de bússola para distinguir o facto da narrativa fabricada, reafirmando que procurar e defender a verdade representa, hoje mais do que nunca, um ato essencial de resistência e liberdade.

EM PARALELO

18—21.novembro.2026

Feira do livro
Biblioteca Municipal António Botto

Exposições patentes no mesmo edifício

Biblioteca Municipal António Botto
Rostos suspensos: Máscaras de Delphim Miranda e Poemas de João Maria André

Museu Ibérico de Arqueologia e Arte de Abrantes
ESPECTRO – 11 fotógrafos em foco
Tangled Becomings: Ecos de Biomas
Mutantes – Jéssica Pereira Gaspar
Armistício de verão – Marco Franco

programa...

Previamente a 18.novembro.2026

Residências filosóficas de perguntas e respostas com alunos do 1.º ciclo do ensino básico e ensino secundário por Joana Rita Sousa

18.novembro.2026

09:15–10:45
Agrupamento de Escolas N.º 1 de Abrantes
11:00–12:30
Agrupamento de Escolas N.º 2 de Abrantes
14:30–16:00
Escola Profissional de Desenvolvimento Rural de Abrantes

Assembleia da Verdade I
Sessão com os alunos participantes nas residências filosóficas (1.º ciclo do ensino básico e ensino secundário)

Convidado
José Rosa
Provocadora
Joana Rita Sousa

DIA MUNDIAL DA FILOSOFIA

19.novembro.2026

10:30
Assembleia da Verdade II
Preleção sobre “O poder da verdade”, por Nelson Carvalho
Sessão com os alunos da Escola Superior de Tecnologia de Abrantes e Universidade da Terceira Idade de Abrantes

Preletor
Nelson Carvalho
Convidado
José Rosa
Provocadora
Joana Rita Sousa

19.novembro.2026

17:00
Cerimónia de abertura
Manuel Jorge Valamatos
Presidente da Câmara Municipal de Abrantes

Ponto zero
A verdade ao espelho: O poder de olhar de frente (sem dramas)

Convidado
José Maria Pimentel

18:00
Se todos têm a sua verdade, a verdade existe?
O relativismo, o diálogo e a busca de terreno comum num mundo fragmentado. • O perigo de transformarmos as nossas convicções íntimas e os nossos sentimentos em “verdades absolutas” incontestáveis, anulando a própria ideia de realidade. • O que destrói mais a sociedade: o fanático, que tem a certeza da sua “verdade única” e a impõe pela força, ou o relativista extremo, para quem “nada é verdade, logo tudo é permitido”?

Convidados
Luís Paixão Martins
Mafalda Anjos
Rita Figueiras
Rui Tavares
Provocador
José Rosa

21:30
Hiperinformados, profundamente ignorantes e com ansiedade máxima
O cansaço de saber tudo: a vertigem do imediato e a ilusão do conhecimento. • Intoxicados e exaustos: a pressa, a ansiedade e o fim da atenção. • A cegueira do ruído: como o excesso de informação nos impede de ver.

Convidados
Joana Rita Sousa
Luís Duarte Madeira
Pedro Coelho
Susana Batista
Provocadora
Helena Bento

20.novembro.2026

17:30
Ciência, subjetividade e existência
O método e o autoengano: como a ciência procura a verdade e como nós mentimos a nós próprios. • O dogma da certeza: a verdade científica é absoluta? • A equação humana: pode a ciência explicar o que nos faz humanos?

Convidados
Álvaro Balsas
Inês Pereira Rodrigues
Joana Lobo Antunes
Luísa V. Lopes
Provocador
André Barata

21:30
A ditadura do simulacro: o digital como padrão e o mundo físico como cópia imperfeita
Quando o filtro digital se torna o padrão de beleza e de sucesso, quem é que quer viver na imperfeição do mundo real? • O que acontece a uma sociedade quando as suas referências de verdade deixam de ser os especialistas e passam a ser os algoritmos de recomendação e as celebridades digitais? • Se a inteligência artificial manipula as nossas escolhas, ainda mantemos o poder de decidir o que é essencial, ou passámos a ser meros passageiros de uma realidade programada para nos manter dependentes?

Convidados
David Erlich
Filipa Jardim Silva
Joana Gonçalves de Sá
Sara Pereira
Provocadora
Maria Flor Pedroso

21.novembro.2026

15:00
A arte, a literatura e o fingimento autêntico
O palco, a tela e a página: como diferentes artes partilham o “fingimento autêntico” • A Ilusão necessária: o que as artes revelam quando se recusam a “copiar” a realidade? • Da licença poética ao abuso da verdade: onde fica a fronteira ética na criação?

Convidados
Catarina Pombo Nabais
João Maria André
Luís de Matos
Luísa Sobral
Provocador
David Erlich

17:30
A última verdade: a morte e o significado da vida
O cansaço da perfeição: O conflito entre o “eu” que brilha e o “eu” que falha perante a finitude. • Aceitar que somos vulneráveis e efémeros perante a morte não nos liberta da ilusão de termos de ser extraordinários? • No final, quem recorda o nosso legado está a celebrar quem fomos ou a consumir uma narrativa ficcionada?

Convidados
Alexandre Borges
João Carlos Onofre Pinto
José Manuel Heleno
Olga Pombo
Provocadora
Marta Faustino

22:00
Espetáculo: Um Toque Divinal
A partir de uma linha onde o corpo e a voz são guiados no espaço através de textos autorais que exploram, de forma provocadora, temas de intervenção social, Huba aborda sobre verdades que considera urgentes e convida o espetador a mergulhar num universo de reflexões sobre o papel individual e coletivo na busca de soluções para uma sociedade mais justa.

Artista
Huba Mateus

10:30

Assembleia da Verdade II

Preleção sobre “O poder da verdade.”,
por Nelson Carvalho
Sessão com os alunos da Escola
Superior de Tecnologia de Abrantes
e Universidade da Terceira Idade
de Abrantes

17:00

Cerimónia de abertura

Manuel Jorge Valamatos
Presidente da Câmara Municipal de Abrantes

Ponto zero

A verdade ao espelho: O poder
de olhar de frente (sem dramas)

Convidado

José Maria Pimentel

“Verdade. No século V a.C. os gregos construíram um novo espaço de pensamento: o pensamento racional. Este novo espaço era o “espaço lógico”. Era aqui que a verdade era construída e valia. As opiniões pessoais tinham de se confrontar com as exigências deste espaço lógico e a verdade estar conforme as suas exigências

No século XVII intelectuais, filósofos e cientistas europeus recuperaram e alargaram a racionalidade grega. E ao espaço lógico (a longa cadeia de razões lógico-dedutiva) acrescentaram a observação e a experimentação, lançando as bases do novo conhecimento: a ciência e técnica modernas. E com a verdade aqui construída o caminho do progresso, da indústria e do domínio da natureza.

Na 2.ª metade do século XX um novo movimento intelectual assumiu uma viragem, comandada por um programa de “desconstrução”: desconstruir a razão, desconstruir a verdade, desconstruir o progresso, ... desconstruir. A verdade abandonou o espaço lógico da racionalidade, tornou-se coisa de uma epistemologia pessoal. A minha verdade. Se eu disser o que penso, com o coração e veracidade, se for genuíno, se me exprimir do fundo de mim mesmo, do que sinto, a partir da minha intuição pessoal, eu afirmo a minha verdade. O que observamos hoje?



Nelson Carvalho

Nelson de Carvalho nasceu no dia 13 de dezembro de 1954. Licenciado em Filosofia, pela Universidade de Coimbra. Mestre em Filosofia Contemporânea, pela Universidade de Coimbra. Foi professor de Filosofia no Ensino Secundário e Presidente do Conselho Diretivo e Pedagógico da Escola Secundária N.º 2 de Abrantes.

Foi Presidente da Câmara Municipal de Abrantes e Membro do Conselho Geral e do Conselho Diretivo da UCLG (United Cities and Local Governments). Aposentado.

18:00

Se todos têm a sua verdade, a verdade existe?

O relativismo, o diálogo e a busca de terreno comum num mundo fragmentado. • O perigo de transformarmos as nossas convicções íntimas e os nossos sentimentos em “verdades absolutas” incontestáveis, anulando a própria ideia de realidade.

• O que destrói mais a sociedade: o fanático, que tem a certeza da sua “verdade única” e a impõe pela força, ou o relativista extremo, para quem “nada é verdade, logo tudo é permitido”?

Convidados

Luís Paixão Martins
Mafalda Anjos
Rita Figueiras
Rui Tavares
Provocador
José Rosa



“Vivemos tempos de bolhas, realidades alternativas, estupidez atrevida e o que chamo de princípio da assimetria da mentira, que dita que a energia necessária para desmontar uma aldrabice é desproporcionalmente maior do que a que é suficiente para a colocar a circular.

Muitos acreditam ter direito não apenas às suas opiniões, mas também aos seus próprios factos. O chão comum de uma base factual consensual está a ser transformado em terreno enlameado e escorregadio, com base em vieses, percepções e narrativas. Como sair daqui, num mundo cada vez mais dominado por algoritmos e IA, eis a questão. Provavelmente, só com regulação apertada e, sobretudo, uma redescoberta do pensamento crítico.



Luís Paixão Martins

Luís Paixão Martins começou a sua vida profissional no jornalismo e, depois de uma carreira na rádio e em agências noticiosas, entre o início dos anos 70 e meados dos anos 80, foi pioneiro do conselho de comunicação no mercado português. Assim nasceu, há 40 anos, a LPM Comunicação, empresa que é, há décadas, referência do sector. Em 2015, retirou-se da atividade empresarial e, desde então, tem-se dedicado a projetos pontuais de aconselhamento estratégico, a ações de formação, e à análise política da NOW TV. Recentemente publicou, na editora Zigurate, os livros *Como Perder uma Eleição*, *Como Mentem as Sondas* e *Como Mentem os Políticos*. Vive entre Lisboa, onde nasceu em 1954, e uma aldeia da fronteira de Monfortinho, onde mantém uma propriedade florestal e de turismo rural. Pode ser seguido no Twitter em @lpmpeessoal.

Mafalda Anjos

Mafalda Anjos é jornalista, jurista, analista na CNN Portugal, radialista e autora de programas na Antena 1 e colunista na Folha de São Paulo. Tem mais de 100 mil seguidores nas redes sociais. Foi, entre 2016 e 2023, diretora da revista VISÃO, além de fundadora e diretora das revistas VISÃO Saúde, VISÃO Biografia e A Nossa Prima. Antes disso, foi responsável pela revista do Expresso durante sete anos, subdiretora do Semanário Económico, e jornalista nas revistas Focus e Exame. É licenciada em Direito pela Faculdade de Direito da Universidade de Lisboa, na área de ciências jurídico-políticas, tem o curso de aperfeiçoamento em imprensa do Cenjor e formação multimédia no IFRA Centre for Advanced News Operations (EUA). Nasceu em 1975 e tem quatro filhos. O seu último livro chama-se *Carta a um Jovem Decente*.

19.novembro.2026

18:00

Se todos têm a sua verdade, a verdade existe?

O relativismo, o diálogo e a busca de terreno comum num mundo fragmentado. • O perigo de transformarmos as nossas convicções íntimas e os nossos sentimentos em “verdades absolutas” incontestáveis, anulando a própria ideia de realidade.

• O que destrói mais a sociedade: o fanático, que tem a certeza da sua “verdade única” e a impõe pela força, ou o relativista extremo, para quem “nada é verdade, logo tudo é permitido”?

Convidados

Luís Paixão Martins
Mafalda Anjos
Rita Figueiras
Rui Tavares

Provocador

José Rosa



“Nos séculos XVI e XVII, “tolerar” era palavra negativa: suportava-se aquilo que não se podia evitar. Foi preciso o Iluminismo, com Voltaire diante do caso Calas e Montesquieu a inventar um persa para olhar a Europa, para fazer da tolerância uma virtude. Mas tolerar convicções diferentes nunca quis dizer que todas as afirmações sobre o mundo valham o mesmo. Quem destrói mais, o fanático ou o relativista? A acusação de relativismo muda de campo ao sabor das guerras culturais. Hoje ouvimos dizer «eu tenho a minha verdade» a quem há vinte anos clamava por valores absolutos. Por trás da frase está quase sempre uma disputa de poder. O terreno comum nasce de concordarmos sobre o que é um facto e de discutirmos depois, livremente, o que fazer com ele.

“O ambiente digital é avesso à disciplina da verificação, e o desgaste da certeza de que existem factos contribui para que tudo se torne uma questão de opinião. As alegações falsas e conspirativas que fluem livremente pelas redes sociais e contaminam o trabalho jornalístico contribuem para pôr tudo em causa. Este ambiente é, igualmente, promovido por figuras algumas políticas, que emitem, espalham e alimentam perspetivas enganosas sobre as mais variadas ocorrências. Assistimos, assim, a uma guerra de significados, e a possibilidade de alcançar um entendimento comum sobre diversos assuntos torna-se cada vez mais difícil.

Os meios de informação que produzem trabalho de qualidade, ancorado em factos e em diferentes perspetivas, continuam a ser atores importantes, mas os níveis crescentes de desconfiança no jornalismo enfraquecem o seu papel na sociedade. Acresce que a diversidade de espaços digitais, que facilmente permite confundir quantidade de fontes com qualidade de perspetivas, refor-



Rita Figueiras

Doutorada em Ciências da Comunicação, professora e investigadora na Universidade Católica Portuguesa. Áreas de pesquisa: comunicação política, consumo e evitação de notícias, datificação e vigilância digital.

ça a crença de que se pode estar bem informado sem se precisar de recorrer ao jornalismo. Ora, muitos dos conteúdos que circulam online alimentam-se de parcelas de verdade, desinformação e teorias da conspiração e reforçam dissonâncias cognitivas: potenciam a tendência para aceitar como verosímil apenas aquilo que confirma as crenças de cada um e para rejeitar tudo o que as contrarie, mesmo quando se é confrontado com a verdade.

Neste contexto, uma das questões mais prementes da atualidade é saber se, num ambiente digital pouco propenso à valorização dos factos, e perante modelos de negócio que caminham cada vez mais do jornalismo para a opinião-espetáculo, a sociedade ainda é capaz de recuperar a verdade como referência comum. Sem uma base partilhada de entendimento sobre aquilo que é factual e verificável, torna-se difícil construir consensos mínimos e estabelecer os fundamentos de que depende qualquer comunidade.

foi cronista do jornal Público durante cerca de quinze anos. É autor de ensaios e outras obras, escreve atualmente para o semanário Expresso e colabora com o jornal brasileiro Folha de S. Paulo. Iniciou a sua atividade política como deputado ao Parlamento Europeu, entre 2009 e 2014, sendo relator em matérias relacionadas com refugiados, direitos fundamentais e Estado de direito. Em 2014, foi um dos fundadores do LIVRE, partido de esquerda verde e europeísta, assente nos princípios da Liberdade, da Esquerda, da Europa e da Ecologia. Em setembro de 2021, foi eleito vereador da oposição na Câmara Municipal de Lisboa, no âmbito da coligação MAIS LISBOA. É deputado à Assembleia da República desde 2022 e membro do Comité do Partido Verde Europeu, eleito no âmbito da representação do LIVRE, desde 2024.

“Se todos têm a sua verdade, a verdade existe?” Lembrava A. Gélio, nas *Noites Áticas*, que a verdade é filha do tempo: será que o tempo a manifesta, como o azeite que vem sempre ao cimo, ou será que cada época “fabrica” a sua verdade *ad usum proprium*?

Se para o cristianismo a Verdade se revela progressivamente na história, se São Tomás ainda pergunta pela Verdade uma contra a doutrina da “dupla verdade”, e se Nietzsche nos ensinou a suspeitar dos “factos” do positivismo científico, contrapondo que “apenas há interpretações” (“...nur Interpretationen”), pode acolher-se ainda hoje uma palavra como esta: “conhecereis a Verdade e a verdade vos libertará”? Como? A Filosofia ainda acredita na verdade? Ainda a busca? Como articular a convicção e a crítica? Que poder tem, afinal, a verdade: potestas que se impõe ou auctoritas que nos conquista e persuade?

Se Agostinho de Hipona dizia não querer apenas conhecer, mas “fazer a verdade no seu coração” (Conf. X, 1, 1), não será que a questão filosoficamente relevante começa quando deixo de afirmar “a minha verdade” e me pergunto, antes: “o que me acontece quando reconheço algo como verdadeiro? Que pedaço de pele estou disposto a dar pela verdade que digo (ou não) professar”? Pode tal convicção tornar-me inevitavelmente fanático? Ou contra isso, terei de me tornar forçosamente relativista? Não haverá aqui caminho do meio?

José Rosa

José Maria Silva Rosa. Licenciatura (1992), Mestrado (1997) e doutoramento em Filosofia (2005), na Universidade Católica Portuguesa, Lisboa. Agregação em Filosofia Política Medieval, em 2020. De 1993 a 2002, docente na mesma Universidade. De então a esta parte, docente na Universidade da Beira Interior, onde é presentemente Professor Catedrático. Na UBI, foi Diretor da Licenciatura em Filosofia; Presidente de Departamento de Comunicação, Filosofia e Política; Diretor da Biblioteca; Presidente da Faculdade de Artes e Letras; e, neste momento, Diretor de Curso do Doutoramento em Filosofia e Investigador do PRAXIS – Centro de Filosofia, Política e Cultura. Os seus principais interesses académicos e investigação situam-se no âmbito do pensamento filosófico e teológico antigo, patristico e medieval (em especial Agostinho de Hipona), da Fenomenologia e da Filosofia da Religião, da Teologia Política e da Teoria da Imagem.

19.novembro.2026

21:30

Hiperinformados, profundamente ignorantes e com ansiedade máxima

O cansaço de saber tudo: a vertigem do imediato e a ilusão do conhecimento.

• Intoxicados e exaustos: a pressa, a ansiedade e o fim da atenção.
• A cegueira do ruído: como o excesso de informação nos impede de ver.

Convidados

Joana Rita Sousa
Luís Duarte Madeira
Pedro Coelho
Susana Batista

Provocadora

Helena Bento



Joana Rita Sousa

Licenciada em Filosofia, pela Universidade Católica Portuguesa de Lisboa (2001), é mestre em Gestão de Recursos Humanos, pela Universidade Europeia (2012), e mestre em Filosofia para Crianças, pela Universidade dos Açores (2019).

Em 2008 criou o projeto filocriatividade, através do qual tem dinamizado oficinas de Filosofia para/com Crianças e Jovens, um pouco por todo o país.

Atua como formadora nessa área, bem como na área do pensamento crítico e do pensamento criativo. As suas formações e oficinas têm sido acolhidas em Portugal, e também noutros países como Moçambique, Roménia, Espanha, Brasil e São Tomé.

“Hoje em dia, cada um de nós tem acesso a uma quantidade de informação sem precedentes. Será que temos mais oportunidades para pensar? Entre a informação, o conhecimento e a compreensão há diferenças que facilmente se perdem na vertigem do imediato. Saber encontrar uma resposta é diferente de saber formular uma pergunta, de avaliar razões, de distinguir uma afirmação de uma opinião ou de reconhecer que não sabemos. O que acontece à nossa capacidade de pensar quando temos respostas disponíveis para perguntas sobre as quais não nos demorámos a pensar?

[As perguntas ainda importam? E que perguntas importam? Que perguntas nos podem convidar a demorar no pensamento?]

A atenção é uma capacidade necessária para aprender e também uma forma de nos relacionarmos com o mundo e com os outros. Dar tempo a uma pergunta, escutar uma pessoa sem a interromper, considerar uma ideia diferente da nossa ou permanecer em silêncio antes de responder são gestos aparentemente simples, mas profundamente filosóficos. No âmbito da Filosofia para Crianças, procura-se criar um tempo para não saber, um espaço para perguntar e a companhia de outras pessoas para pensar em voz alta.



Joana Rita tem desenvolvido trabalho de consultoria e de mediação filosófica em diferentes contextos, de Museus a Cemitérios.

Participa como oradora em eventos diversos, destacando a presença no IV Curso FLAI – Filosofia, Literatura, Arte e Infância (Albarracín, Espanha, 2023). Tem artigos publicados em Portugal e em Espanha, e um livro intitulado *Como desenvolver o pensamento crítico das crianças*.

Cofundadora dos encontros Sentir Pensamentos | Pensar Sentidos, em parceria com Celeste Machado, desde 2011. Criadora do #ClubeDePerguntas, desde 2020. Coautora da newsletter #LivrosPerguntadores, em parceria com Júlia Martins, desde 2023.

21:30
**Hiperinformados,
profundamente ignorantes
e com ansiedade máxima**

O cansaço de saber tudo: a vertigem do imediato e a ilusão do conhecimento.

- Intoxicados e exaustos: a pressa, a ansiedade e o fim da atenção.
- A cegueira do ruído: como o excesso de informação nos impede de ver.

Convidados
Joana Rita Sousa
Luís Duarte Madeira
Pedro Coelho
Susana Batista
Provocadora
Helena Bento



“ Vivemos num paradoxo: nunca tivemos acesso a tanta informação e talvez nunca tenha sido tão difícil transformar informação em conhecimento. A aceleração digital não nos oferece apenas mais conteúdos; fragmenta o tempo, a atenção e a própria experiência. A esta condição podemos chamar desagregação: aquilo que antes podia ser integrado numa narrativa, numa relação ou numa experiência continuada chega-nos agora sob a forma de estímulos sucessivos, notificações, imagens, opiniões e acontecimentos sem hierarquia. Sabemos imediatamente o que aconteceu em todo o lado, mas perdemos progressivamente o tempo necessário para compreender o que aconteceu. A hiperinformação produz, assim, uma estranha combinação de onnipresença e impotência: estamos em contacto com tudo, mas habitamos cada vez menos aquilo que vemos.

A esta desagregação acrescenta-se uma transformação da própria intimidade. A extimidade descreve o movimento pelo qual aquilo que pertencia ao espaço interior é continuamente exteriorizado: mostramos onde estamos, o que sentimos, o que pensamos, o que comemos, aquilo que tememos e até aquilo que sofremos. A experiência deixa de ser apenas vivida para passar também a ser apresentada, registada, medida e reconhecida pelos outros. Nas sociedades digitais, existir tende progressivamente

a significar tornar-se legível. É precisamente aqui que se torna fundamental recuperar aquilo a que Édouard Glissant chamou o direito à opacidade: o direito de uma pessoa não ser inteiramente transparente, explicável, classificável ou disponível ao olhar do outro. A opacidade não é segredo nem isolamento; é o reconhecimento de que existe em cada pessoa uma dimensão que não precisa de ser mostrada, traduzida ou transformada em informação.

Talvez uma parte importante da ansiedade contemporânea nasça precisamente desta combinação entre desagregação e hiperexposição. Somos convocados simultaneamente a receber tudo e a mostrar tudo. O resultado é uma consciência permanentemente solicitada, mas raramente demorada: vemos muito, retemos pouco e elaboramos ainda menos. Contra esta lógica, talvez seja necessário defender uma verdadeira ecologia da atenção — recuperar silêncio, demora, lugares, relações e experiências que não necessitam de ser imediatamente comunicadas. Num mundo que transforma progressivamente a existência em informação, preservar alguma coisa que permaneça não publicada, não medida e não explicada pode deixar de ser apenas uma preferência privada. Pode tornar-se uma condição para continuarmos a ter uma vida interior.

Luís Duarte Madeira

Luís Madeira é médico psiquiatra e Professor Associado com Agregação da Faculdade de Medicina da Universidade de Lisboa, onde dirige o Centro de Bioética e Humanidades Médicas. É Presidente da Sociedade Portuguesa de Psiquiatria e Saúde Mental e Diretor do Departamento de Psiquiatria do Cluster CUF Descobertas. É também Chair da Secção de Psicopatologia da European Psychiatric Association e integra o Conselho Nacional de Ética para as Ciências da Vida. Doutorado em Medicina/Psiquiatria e Mestre em Filosofia e Saúde Mental, desenvolve trabalho nas áreas da psicopatologia, fenomenologia, bioética, humanidades médicas e filosofia da psiquiatria.

“ Nos últimos 20 anos, sobretudo depois dos ecos constantes da revolução digital, o jornalismo perdeu o estatuto de profissão aclamada para se posicionar na cauda do ranking. A banalização da mentira a que assistimos, fruto da indiscriminada distribuição e consumo de informação não verificada, tornou a verdade um objeto de luxo que saiu do radar e da rotina da massa.

O jornalismo, que tem a missão de selecionar e verificar informação, atribuindo-lhe o distintivo selo da qualidade, que a irmanaria com a verdade jornalística, é, também ele, um produto de luxo. Porque o “jornalismo” que o mercado nos deixa fazer anda a reboque do bulício das redes, cede à pressão do tempo, refugia-se no sensacionalismo e no infotainment para se manter à tona. Incapaz de gerar receitas que o sustentem, o jornalismo é hoje um subproduto onde a verdade só interessa se for barata.

A crise do jornalismo, que o coloca na cauda do ranking das profissões, é sobretudo uma crise de sustentabilidade... E como escreveu Paul Starr, quando as receitas financeiras falham, a ética é a primeira vítima.



Pedro Coelho

Pedro Coelho. Nasceu em 1966, em Montemor-o-Novo. É Professor Auxiliar na Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da UNL (NOVA FCSH) e Grande Repórter de investigação da SIC. Doutorado em Estudo dos Media e do Jornalismo pela UNL. É investigador integrado do IC NOVA.

Autor de diversas grandes reportagens de investigação, algumas delas premiadas e de vários artigos científicos publicados em revistas nacionais e internacionais sobre jornalismo de investigação, formação académica em jornalismo, reportagem e jornalismo de proximidade. Autor, coautor e organizador de sete livros, seis académicos e um de reportagem. Distinguido com vários prémios de jornalismo, entre eles dois prémios Gazeta de Televisão (2017, 2014), Mário Mesquita (prémio carreira 2022), Cáceres Monteiro, AMI, Parlamento Europeu. Foi finalista da edição de 2023 do prémio europeu de jornalismo de

investigação Daphne Caruana Galizia. Recebeu, igualmente, a medalha comemorativa dos 50 anos da Declaração Universal dos Direitos do Homem, atribuída pela Assembleia da República.

Conquistou duas bolsas de jornalismo de investigação atribuídas pela Fundação Calouste Gulbenkian que permitiram a formação de dois consórcios de investigação jornalística integrando jornalistas, alunos e professores de jornalismo.

Membro fundador da rede intercolar (ensino superior) Repórteres em Construção (REC), de cuja associação foi vice-presidente. Presidiu às comissões Organizadora e Executiva do 5.º Congresso dos Jornalistas, que decorreu de 18 a 21 de janeiro de 2024. Integrou as comissões executiva e organizadora do 4.º Congresso dos Jornalistas Portugueses. Integrou o Conselho Geral do Sindicato dos Jornalistas até 2021. É co-fundador do Centro Português de Jornalismo de Investigação (CPJI).

21:30
**Hiperinformados,
profundamente ignorantes
e com ansiedade máxima**

O cansaço de saber tudo: a vertigem do imediato e a ilusão do conhecimento.

- Intoxicados e exaustos: a pressa, a ansiedade e o fim da atenção.
- A cegueira do ruído: como o excesso de informação nos impede de ver.

Convidados
Joana Rita Sousa
Luís Duarte Madeira
Pedro Coelho
Susana Batista
Provocadora
Helena Bento

“ Os resultados do inquérito EU Kids Online Portugal, realizado em 2025 junto de 2.111 crianças e jovens dos 9 aos 17 anos, mostram um quotidiano digital marcado por um acesso generalizado e por uma crescente intensidade e multiplicidade de usos. Para além do entretenimento e da comunicação, o digital é para muitos um espaço de informação e aprendizagem: 37% dizem utilizá-lo para aprender coisas novas com autonomia ou praticar aquilo que aprenderam, e um terço procura notícias ou informações sobre o que acontece no mundo. Também a IA generativa, usada por 85%, passou a integrar este quotidiano, sendo valorizada sobretudo pela facilidade e rapidez com que permite obter respostas e realizar tarefas. Esta facilidade de acesso coexiste, porém, com sinais de desconforto decorrente de uma perceção de excesso: pouco mais de um quinto diz usar a internet sem um propósito definido e 19% não consegue reduzir o tempo que passa online. O digital é, assim, simultaneamente um espaço de comunicação, aprendizagem e acesso à informação e um ambiente que exige atenção e seleção.

Neste contexto, a literacia digital combina competências e conhecimentos e envolve diferentes dimensões, da comunicação e utilização operacional à criação, navegação e procura e avaliação crítica de informação, bem como competências éticas e conhecimento sobre a infraestrutura por detrás das plataformas. Os jovens revelam uma confiança globalmente elevada nas suas compe-



tências digitais, mas a navegação e informação e a criação de conteúdos encontram-se entre as dimensões com valores mais baixos. Essa confiança contrasta com níveis mais reduzidos de conhecimento sobre o funcionamento dos ambientes digitais, nomeadamente sobre algoritmos, modelos de negócio das redes sociais e impacto social das tecnologias. Ao mesmo tempo, os próprios jovens identificam novas necessidades de conhecimento: querem saber mais sobre como gerir o tempo que passam online e como distinguir informação verdadeira de informação falsa. A literacia digital envolve, portanto, não apenas saber fazer, mas também compreender, avaliar e questionar a informação e os sistemas que a organizam.

A relação com este ambiente não pode ser separada das condições sociais e tecnológicas em que ocorre. As competências digitais são, em média, mais baixas entre os jovens de estatuto socioeconómico baixo, grupo que apresenta também indicadores mais elevados de uso excessivo e dificuldades de concentração. Ao mesmo tempo, é preciso considerar a forma como estes ambientes tecnológicos são desenhados valorizando o scroll infinito, num contexto em que mecanismos algorítmicos de recomendação e retenção da atenção tornam mais fluidas as relações entre comunicação, lazer e estudo. A atenção não é, por isso, apenas uma capacidade individual que cada jovem deve aprender a gerir, mas também uma questão social e tecnológica, num contexto em que os recursos sociais, educativos e digitais necessários para interpretar criticamente essa experiência são desigualmente distribuídos.

Susana Batista

Susana Batista, doutorada em Sociologia, é Professora Auxiliar na Faculdade de Ciências Sociais da Universidade NOVA de Lisboa e investigadora integrada no Centro de Investigação Interdisciplinar em Educação (EDUNOVA-ISP). Participa e coordenou diversos projetos de investigação nacionais na área da educação. Atualmente, é coordenadora da equipa portuguesa da rede multinacional EU Kids Online e investigadora do projeto Prodigy. É também membro da plataforma Cria. On, um espaço digital com recursos e conhecimentos sobre contextos, competências e direitos digitais de crianças e adolescentes.

“ Nunca tivemos acesso a tanta informação. O telemóvel acompanha-nos desde o momento em que acordamos até à hora de dormir e expõe-nos a uma sucessão contínua de notícias, mensagens, vídeos, notificações. Tudo reclama a nossa atenção. Mas a abundância de informação não parece traduzir-se necessariamente em mais conhecimento. Muitas vezes, sentimos que sabemos tudo sobre o mundo quando apenas contactamos com fragmentos dispersos da realidade.

Multiplicam-se as queixas de dificuldade de concentração, fadiga mental e sensação de sobrecarga. Vivemos numa cultura da urgência permanente, em que somos constantemente interrompidos e pressionados a acompanhar tudo o que acontece. Mas quanto mais informação recebemos, mais superficial tende a ser a forma como a processamos e mais difícil se torna distinguir o essencial do acessório.

Esta conversa propõe uma reflexão sobre alguns dos paradoxos centrais do nosso tempo: a ilusão do conhecimento, o cansaço provocado pelo excesso de estímulos e a transformação da atenção num recurso cada vez mais escasso e disputado. Como pensar com profundidade numa era dominada pela velocidade, pelo ruído e pela ansiedade de não perder nada?



Helena Bento

Jornalista do Expresso, onde trabalha desde 2015 e integra atualmente a secção de Sociedade. Licenciada em Ciências da Comunicação e mestre em Edição de Texto pela Universidade Nova de Lisboa, foi distinguida com o Prémio Jornalismo em Saúde, em 2019, e com o 1.º Prémio da Sociedade Portuguesa de Psiquiatria e Saúde Mental, em 2023. É coautora do podcast *Que Voz É Esta?* e de um livro com o mesmo nome, publicado em 2025, ambos dedicados aos temas da saúde mental.

17:30
**Ciência, subjetividade
e existência**

O método e o autoengano: como a ciência procura a verdade e como nós mentimos a nós próprios.

- O dogma da certeza: a verdade científica é absoluta?
- A equação humana: pode a ciência explicar o que nos faz humanos?

Convidados
Álvaro Balsas
Inês Pereira Rodrigues
Joana Lobo Antunes
Luísa V. Lopes
Provocador
André Barata



Álvaro Balsas

Álvaro Balsas é Professor Auxiliar da Universidade Católica Portuguesa (UCP), em Braga, onde concluiu o Doutoramento em Filosofia da Ciência (2010). Obteve a Licenciatura em Física (ramo científico), na Universidade de Coimbra (1987) e Mestrado em Física (Mecânica Quântica) na Universidade de Aveiro (1991), tendo sido docente de Física nestas duas universidades. Obteve a Licenciatura em Filosofia na UCP (1997), a Licenciatura em Estudos Eclesiásticos (Filosofia e Teologia) na Universidade Pontifícia de Comillas, Madrid (2000) e o Mestrado em Teologia Sistemática, em Berkeley, Califórnia (2003).

Foi Diretor Adjunto da Faculdade de Filosofia e Ciências Sociais da UCP, Braga (2018-2024). Publicou dezenas de artigos em revistas especializadas e 2 trabalhos em atas de eventos, possui 5 capítulos de livros e 4 livros publicados,

“ A ciência é um ramo do conhecimento humano, com um determinado objeto de estudo e um método próprio (com os seus pressupostos, alcance, campo de visão e limitações), que permite conhecer a verdade dos padrões, da ordem e das leis físico-matemáticas dos fenómenos cosmológicos, humanos e sociais.

A verdade científica é adquirida pelo contraste entre as previsões de uma determinada teoria e os dados experimentais, sendo, por isso, sempre incompleta e revisável ao longo do tempo.

A ciência não esgota todo o conhecimento da multiplicidade da experiência humana dentro do Cosmos, nomeadamente das experiências de conhecimento, ética, estética, de amizade/amor e religiosa. Estas experiências fundamentais da equação humana exigem, para além da explicação científica, explicações provindas da metafísica, da ética e da religião, mais relacionadas com os valores, o sentido e o fundamento da vida humana.

sendo editor e coeditor de 20 livros e autor de 9 entradas de Dicionário. Organizou 7 Congressos e Encontros científicos e participou, com comunicações em outros 14.

Atua nas áreas de Humanidades, com ênfase em Filosofia, Ética e Religião, e de Ciências Exatas, com ênfase em Física. Foi Diretor Adjunto da *Revista Portuguesa de Filosofia* (www.rpf.pt), 2010-2019, a qual indexou na SCOPUS-Elsevier (2019).

É investigador do CEFH da UCP. As suas áreas de investigação são os Fundamentos da Mecânica Quântica (particularmente, interpretação da teoria, desigualdades de Bell e de Tsirelson, e realismo local), Física da Matéria Condensada, Filosofia da Natureza (particularmente, processos causais e sistemas complexos), Filosofia da Ciência e Ciência e Religião.

17:30 Ciência, subjetividade e existência

O método e o autoengano: como a ciência procura a verdade e como nós mentimos a nós próprios.

• O dogma da certeza: a verdade científica é absoluta? • A equação humana: pode a ciência explicar o que nos faz humanos?

Convidados

Álvaro Balsas
Inês Pereira Rodrigues
Joana Lobo Antunes
Luísa V. Lopes

Provocador

André Barata

Inês Pereira Rodrigues

Professora Auxiliar Convidada de Filosofia na Universidade de Évora. É investigadora do Praxis – Centro de Filosofia, Política e Cultura, e do Centro Filosofia e Género. Na sua investigação, aborda questões concretas da existência, como o sentido e a responsabilidade, através de autores de filosofia contemporânea. É autora e realizadora de programas de rádio de divulgação de Filosofia emitidos e disponíveis na Antena 2: *Filosofia na Rua*, *Isto é Filosofia*, e *Andar a Pensar*.



“Tendemos a pensar que a ciência – ou o conhecimento, no geral – *representa* a realidade; que (quando está correto, pelo menos) nos oferece uma ideia clara e transparente de como o mundo é. Mas na verdade, toda a informação é interpretação; cada mapa, gráfico, classificação ou conceito é uma tradução de algo numa outra linguagem. E nestas traduções e interpretações há sempre o que fica de fora do que é captado, e há o que é captado sob determinada luz.

Que a objetividade na ciência nunca é absoluta já fora dito por Thomas Kuhn com a noção de paradigma. Mais recentemente, filósofas feministas como Donna Haraway or Isabelle Stengers defenderam que o conhecimento é sempre situado: tem as marcas da perspetiva humana pelo aparato sensorial e pela

“A construção do conhecimento científico é feita de forma incremental, à medida que vamos sabendo mais, vendo mais – mais longe, mais fundo, mais pequeno, com mais detalhe e mais resolução. A ciência procura respostas, e gosta de celebrar quando consegue resolver questões intrigantes ou que são contraintuitivas; ou de encontrar sustentação para ideias preconcebidas que afinal fazem sentido à luz do conhecimento. Mas apesar da sua sede de respostas, a ciência está aberta à correção e à mudança, sendo capaz de alte-

rar os artigos e os livros assim que se demonstra, com dados e com clareza, que afinal é de outra forma.

Ainda que seja indispensável um consenso da comunidade científica em torno de um tema, para o tornar no melhor conhecimento sobre uma área, a unanimidade é quase impossível. Há sempre alguém que discorda, de pontos acessórios ou de alguns essenciais. Esta impossibilidade de unanimidade no que toca a opiniões, mesmo cientificamente sustentadas, é um espelho de algo que faz de nós humanos. A ciência é feita de cientistas, que são pessoas; algumas das quais, mesmo perante uma avassaladora quantidade de dados num determinado sentido, conseguem ainda assim achar que afinal o caminho está para outro lado. Esta diversidade deve impelir-nos a preparar-nos para discussões públicas sobre temas científicos, que permitam esclarecimento (de cientistas e cidadãos), contribuindo para que construa cultura científica e se consiga seguir o caminho da compreensão dos dados, do seu significado e a procura de respostas.

Joana Lobo Antunes

Comunicadora de ciência. Professora, investigadora e coordenadora das iniciativas de comunicação de ciência no Instituto Superior Técnico. É diretora adjunta do presidente para assuntos de Comunicação e para o Museu de Geociências do Técnico, onde implementa projetos de divulgação como “Explicame como se tivesse cinco anos” (palestras de ciência para crianças), “110 histórias, 110 objetos” (projeto multimédia), “Engenharia e Ciência vão às escolas” (encontros de investigadores com estudantes do ensino básico), entre outros. Interessa-se por perceber o impacto que estes projetos têm, tanto para os investigadores como para as pessoas com quem interagem. Perceber o que ganha a ciência e os cientistas por se abrirem à sociedade, e o que ganham as pessoas com a cultura científica e a proximidade com os protagonistas do avanço científico e tecnológico. Interessa-se também por perceber qual o impacto de se ensinar comunicação de ciência a estudantes de engenharia, que espera compreender nos próximos anos. Fundadora e uma das coordenadoras do programa diário da antena 1 “90 Segundos de Ciência”, fundadora e presidente da comissão científica da Associação Portuguesa de Comunicadores de Ciência SciComPT.

“A ciência criou métodos para reduzir o erro, testar hipóteses e contrariar as nossas próprias intuições. Mas o cérebro humano é também especialista em encontrar padrões, confirmar crenças e construir explicações que nos parecem verdadeiras. Partindo do que sabemos sobre cognição, memória e comportamento, podemos explorar uma questão essencial: como distinguimos aquilo que sabemos daquilo que apenas queremos acreditar?

A ciência é frequentemente apresentada como o lugar da certeza, quando, na realidade, trabalha com hipóteses, evidência, probabilidade e revisão permanente. O conhecimento científico torna-se mais robusto precisamente porque pode ser questionado e corrigi-

André Barata

Professor Catedrático na Universidade da Beira Interior, onde leciona desde 2002. Doutorado em Filosofia Contemporânea pela Universidade de Lisboa (2004), exerceu funções de coordenação científica e pedagógica de relevo, tendo coordenado os programas de Doutoramento em Filosofia e em Ciência Política, bem como ciclos de estudos de Mestrado e Licenciatura nesta área. Foi Diretor da Faculdade de Artes e Letras (2021– 2025). Na investigação, coordenou a unidade Praxis – Centro de Filosofia, Política e Cultura, foi Diretor da revista *Análise* e Presidente da Sociedade Portuguesa de Filosofia (2021–2025). A sua investigação centra-se na filosofia social e política, no pensamento existencial e fenomenológico. É autor de vários livros de ensaio, destacando-se a trilogia *E se parássemos de sobreviver?* (2018), *O desligamento do mundo* (2020) e *Para viver em qualquer mundo* (2022), e do livro mais recente *Ressonância e Queda* (2025). Colabora regularmente, com crónicas.

do. O que significa dizer que algo é verdadeiro em ciência – e porque reconhecer a incerteza não é uma fraqueza, mas uma das suas maiores forças.

Somos organismos biológicos, mas somos também memória, linguagem, emoções, relações, cultura e consciência. Os avanços das neurociências e das ciências cognitivas permitem compreender cada vez melhor os mecanismos que sustentam aquilo que pensamos e sentimos, sem que isso encerre necessariamente a pergunta sobre quem somos. Muito interessante explorar a questão do que a ciência já consegue explicar sobre a condição humana e aquilo que continua a escapar a uma explicação científica completa.



“Com o seu desenvolvimento, as ciências do comportamento, os estudos científicos do cérebro, das emoções, da inteligência, vão procurando tornar a subjetividade um domínio da objetividade. Mas talvez seja determinante para a humanidade que a subjetividade persista de alguma maneira insondável e que a ciência não nos explique inteiramente.

As verdades absolutas tendem a não ser científicas. A ciência avança verdades sob a presunção de que o conhecimento permanece provisório, revisível.

Luísa V. Lopes

Neurocientista, coordenadora de um grupo de investigação na Faculdade de Medicina de Lisboa e na Fundação Gulbenkian de Medicina Molecular (GIMM). Licenciada em Bioquímica e doutorada em Neurociências, trabalhou na Universidade de Cambridge, no Karolinska Institutet e no centro de investigação da Nestlé. Estuda os mecanismos sinápticos do envelhecimento e as alterações da memória, com mais de 70 publicações em revistas científicas de referência e diversos prémios nacionais e internacionais. Entre a investigação e a docência, dedica-se também à divulgação científica, assinando colunas no Público e participando em diversos podcasts, dos quais se destaca o *[In] Pertinente*. É autora do livro *Programados para Amar*, publicado em 2025, no qual explora o que acontece no cérebro humano durante as várias fases do amor, da paixão e do sofrimento.



As verdades absolutas são mais da ordem da adesão a crenças de princípio e, talvez, precisemos de algumas dessas verdades absolutas, por exemplo, a crença na humanidade.

Mas o risco de fazermos uma ficção de nós próprios está em passarmos uma linha em que já não apenas nos inventamos, mas nos enganamos a nós próprios. Mentimo-nos a nós próprios quando nos esquivamos à existência, disseram alguns filósofos no passado. Ou quando nos esquivamos ao convívio com o inescrutável. Nada nos dispensa da atenção crítica

21:30
**A ditadura do simulacro:
o digital como padrão
e o mundo físico como
cópia imperfeita**

Quando o filtro digital se torna o padrão de beleza e de sucesso, quem é que quer viver na imperfeição do mundo real? • O que acontece a uma sociedade quando as suas referências de verdade deixam de ser os especialistas e passam a ser os algoritmos de recomendação e as celebridades digitais? • Se a inteligência artificial manipula as nossas escolhas, ainda mantemos o poder de decidir o que é essencial, ou passámos a ser meros passageiros de uma realidade programada para nos manter dependentes?

Convidados

David Erlich
Filipa Jardim Silva
Joana Gonçalves de Sá
Sara Pereira

Provocadora

Maria Flor Pedroso

Filipa Jardim da Silva

Nasceu na Madeira há 42 anos e formou-se em Psicologia Clínica no ISPA, sendo membro efetivo da Ordem dos Psicólogos Portugueses e formadora certificada. É fundadora e CEO da Academia Transformar, uma clínica-ecossistema que reúne dezenas de profissionais de saúde para promover uma visão de saúde mental preventiva, personalizada e baseada na evidência, mas sempre ancorada em empatia e humanidade. Lidera projetos que cruzam psicologia, neurociência, desenvolvimento humano e cultura organizacional, tanto no setor individual como empresarial, em Lisboa, Porto e online. A sua missão é clara: aumentar a literacia em saúde mental, fomentar autocuidado consciente e criar contextos mais saudáveis para viver e trabalhar. Além de psicóloga, é autora de dois livros *Dar a Volta* e *Síndrome da Impostora*, oradora TEDx e empreendedora. Tornou-se gestora sem perder a ferramenta mais importante de todas: o coração. Mãe de dois rapazes curiosos, o Vicente e o Matias, acredita que as verdadeiras transformações comecem sempre de dentro para fora e é isso que a move, todos os dias.

“ É conhecida a história de Narciso que, olhando a sua imagem refletida nas águas, assim morre, simultaneamente em deleite consigo mesmo e em desligamento do mundo, definhando.

A figura de Narciso pode ser ensinamento para o que acontece quando se opera um excessivo ensimesmamento: o campo do Eros — ligações construtivas com os outros — cede ao campo do tânático, o estático que define. As redes sociais digitais parecem ter, em simultâneo, características desse mundo de vida a que Narciso vira as costas e características desse reflexo autorreferencial que nos suga vitalidade — porém hipervalorizando as segundas.

O resgate do silêncio, da solidude, do tacto, da contemplação, da narrativa, entendido não como abolição do digital, mas como um delimitar de zonas existenciais onde ele não seja hegemónico, constituem-se, assim, como exercícios de descentramento do eu e de abertura ao mundo; enfim, à autenticidade.



“ O simulacro torna-se uma ditadura quando o digital deixa de representar a realidade e passa a definir aquilo que ela deveria ser. Corpos filtrados, carreiras editadas e vidas encenadas criam padrões impossíveis, perante os quais a experiência humana parece insuficiente. Do ponto de vista psicológico, esta comparação permanente alimenta ansiedade, vergonha e inadequação: comparamos a nossa vida inteira com fragmentos cuidadosamente selecionados da vida dos outros.

Também a nossa relação com a verdade está a mudar. Os algoritmos não privilegiam necessariamente o que é verdadeiro ou saudável, mas aquilo que capta e prolonga a nossa atenção.

David Erlich

Nascido em Lisboa no bicentenário da Revolução Francesa, é um dos intelectuais de Moscovide com maior projeção. Professor no ensino secundário, Mestre em Filosofia e em Ensino de Filosofia, com referência no Quadro de Mérito da NOVA FCSH, em que cursou o ano curricular do Doutoramento, obtendo o diploma em Estudos Avançados. Publicou artigos e foi orador em conferências académicas em Portugal, na Polónia e nos Países Baixos. Palestrante em duas TEDx, sobre Educação e Filosofia. Poeta com três livros publicados e diversas distinções literárias. É coautor, com Ana Sofia Freitas, do *Isto Dá Que Pensar*, podcast da Antena 1, na qual integra também o programa *O Movimento das Coisas*, e coanfitrião, com Catarina Barosa, do *Princípio da Inquietação*, podcast do Espanto – Festival Internacional de Filosofia. Lançou pela Planeta, em 2024, *A Bebedeira de Kant* e outros 49 episódios da história da filosofia para pensar a sorrir, e, em 2026, *21 Lições de Filosofia* para viver uma vida quase boa. Já trabalhou como lanterna, operador de call center, monitor de campos de férias e pacote.



Num ambiente que recompensa a certeza, a velocidade e a visibilidade, a dúvida competente de um especialista pode perder para a convicção de uma celebridade digital. A repetição começa a parecer verdade e a popularidade transforma-se, perigosamente, em credibilidade.

A inteligência artificial não precisa decidir por nós para influenciar profundamente o nosso comportamento. Basta antecipar desejos, sugerir escolhas e eliminar a pausa necessária à reflexão. Preservar a liberdade exige consciência sobre o que orienta a nossa atenção e condiciona as nossas decisões. Talvez a pergunta essencial já não seja apenas “o que quero?”, mas “quem, ou o quê, me ensinou a querer isto?”.



Sara Pereira

Professora Associada com Agregação do Instituto de Ciências Sociais, Departamento de Ciências da Comunicação, da Universidade do Minho e investigadora do Centro de Estudos de Comunicação e Sociedade (CECS). Tem como áreas de investigação a relação crianças, jovens e media, literacia mediática e da informação, media digitais e ambientes digitalizados; políticas de comunicação, media e literacia. Tem coordenado projetos nacionais e europeus e é autora de diversas publicações nestas áreas. Coordenou recentemente o projeto bYOU – Estudo das vivências e expressões de crianças e jovens sobre os media, financiado pela FCT. É coordenadora do MILObs – Observatório sobre Media, Informação e Literacia e coautora do Referencial de Educação para os Media do Ministério da Educação.

“ Durante milénios, aquilo que podíamos ver era pouco, limitado à nossa aldeia e circunstâncias. Aos poucos, começou a ser mais, mas também mais controlado primeiro pelo Estado, depois por jornais, mais recentemente por algoritmos. Em breve, poderemos começar a ser nós próprios a escolher o algoritmo que nos serve o mundo (ou o mundo que um algoritmo nos serve). Um feed sem políticos, sem futebol, sem celebridades. Só com gatos. Ou, para os mais corajosos, só filósofos a discutir lógica às três da manhã. Parece a liberdade perfeita. Mas se cada um puder escolher exatamente a realidade que prefere, o que acontece à realidade que partilhámos? Haverá agora em feeds individualizados em que a opinião e o gosto de cada um é o único critério? Será que a tecnologia nos pode libertar daquilo que nos torna uma sociedade? Do incómodo do “outro”? Como será um mundo sem o que nos irrita, contradiz ou obriga a pensar? Temo que sere-mos bastante mais livres e absolutamente mais insuportáveis.



“ Tomando como ponto de partida as práticas mediáticas das gerações mais jovens, para quem o digital não constitui uma realidade separada do mundo físico, procurarei refletir sobre o modo como estes ambientes atravessam as suas relações, a construção da identidade e as formas de conhecer e interpretar o mundo. Que implicações tem esta realidade nos critérios através dos quais atribuímos valor, credibilidade e verdade ao que vemos e experienciamos?

Procurarei também discutir o papel das plataformas, dos algoritmos e dos influenciadores na seleção e hierarquização daquilo que vemos e conhecemos. Num contexto marcado pela

Joana Gonçalves de Sá

Cientista e professora, Joana Gonçalves de Sá é Investigadora Principal do grupo Social Physics and Complexity (SPAC) no Laboratório de Instrumentação e Física de Partículas (LIP), Professora Associada no ISPA e Docente Externa do Complexity Science Hub de Viena, Áustria.

Licenciada em Engenharia Física Tecnológica pelo Instituto Superior Técnico, doutorou-se em Biologia de Sistemas pelo ITQB-NOVA, tendo desenvolvido a sua tese na Universidade de Harvard. A sua investigação actual foca-se no estudo de enviesamentos cognitivos e algorítmicos a partir de sistemas complexos, ciência de dados e psicologia comportamental, com particular foco no estudo da desinformação.

Para além da investigação, participa em diferentes projetos de divulgação de ciência e escreve regularmente artigos de opinião sobre política científica. Coordenou a iniciativa Ciência e Sociedade do Instituto Gulbenkian de Ciência e foi diretora do PGCD, programa de doutoramento dirigido a estudantes dos PALOP. Em 2021, foi distinguida com o Prémio Activa Mulheres Inspiradoras na categoria de Ciências e é autora do livro *Uma Ideia Sobre Ciência* (FFMS, 2025). É desde 2026 Embaixadora de Portugal para o Conselho Europeu de Investigação. Foto © Tiago Miranda

abundância de informação, pela desinformação e pelos conteúdos gerados por inteligência artificial, saber em que e em quem confiar tornou-se um desafio que atravessa diferentes gerações.

Pretendo ainda trazer para este debate o papel da literacia mediática na construção de uma relação mais crítica e consciente com estes ambientes. Mais do que aprender a distinguir o verdadeiro do falso, importa compreender como a informação é produzida e distribuída, que interesses estão em jogo e como a nossa atenção e as nossas escolhas podem ser orientadas. Preservar o poder de decidir implica também preservar o poder de questionar.

21:30
**A ditadura do simulacro:
o digital como padrão
e o mundo físico como
cópia imperfeita**

Quando o filtro digital se torna o padrão de beleza e de sucesso, quem é que quer viver na imperfeição do mundo real? • O que acontece a uma sociedade quando as suas referências de verdade deixam de ser os especialistas e passam a ser os algoritmos de recomendação e as celebridades digitais? • Se a inteligência artificial manipula as nossas escolhas, ainda mantemos o poder de decidir o que é essencial, ou passámos a ser meros passageiros de uma realidade programada para nos manter dependentes?

Convidados
David Erlich
Filipa Jardim Silva
Joana Gonçalves de Sá
Sara Pereira
Provocadora
Maria Flor Pedroso



Maria Flor Pedroso

Maria Flor Pedroso 1964 Lisboa. Na Rádio desde 1984, jornalista desde 1988, fundadora da TSF-Rádio Jornal como repórter, editora e enviada especial, e na Antena1 há 25 anos. Repórter parlamentar durante 26 anos, para a TSF e Antena1, acompanha de perto a atividade política desde sempre e profissionalmente desde 1988. Editora de Política de 2003 a 2018, condução de debates, entrevistas e jornais de campanha, edição de “As Escolhas de Marcelo Rebelo de Sousa” na RTP1 (2006/2010). Presidente da Comissão Organizadora do 4.º Congresso de Jornalistas 2017. Leciona Jornalismo radiofónico, ações de formação e desde 2021 pós-graduação no ISCSP. Modera conferências, analisa atualidade política e narra documentários. Responsável por três programas de Geometria Variável, no Serviço Público – Bloco de Notas e nos Radicais Livres, na Antena1 e em podcast. Foto © Alfredo Cunha

“O mundo está de pernas para o ar. A realidade, as várias realidades, têm-se encarregado de nos atirar isso à cara todos os dias.

Será que ainda pensamos pela nossa cabeça, ou a nossa cabeça já não sabe pensar se não pedir ajuda a outras cabeças que, avisaram agora, querem destruir-nos?

Antes, uma fotografia, um vídeo, um som, serviam para registar o que já existia no mundo físico, real, palpável, mas hoje o processo é ao contrário. E será que antes sempre pudemos acreditar no que víamos e ouvíamos? Há quem crie uma identidade digital impecável, polida por filtros e moldada por algoritmos de redes sociais e passe a usar essa ilusão como uma meta de vida. O mundo real passa a ser um rascunho mal feito — uma cópia imperfeita que simplesmente não consegue competir com a vivacidade histeriônica controlada dos nossos ecrãs. O que ganhamos com isso?

No limite, uma sociedade que troca o concreto pelo simulacro perde as suas referências de verdade. E será verdade que ser ou não ser verdade já não interessa para nada?

15:00
**A arte, a literatura
e o fingimento autêntico**

O palco, a tela e a página: como diferentes artes partilham o “fingimento autêntico” • A Ilusão necessária: o que as artes revelam quando se recusam a “copiar” a realidade? • Da licença poética ao abuso da verdade: onde fica a fronteira ética na criação?

Convidados
Catarina Pombo Nabais
João Maria André
Luís de Matos
Luísa Sobral
Provocador
David Erlich



“Tanto nas artes plásticas como na literatura, tendemos a pensar a criação a partir da ficção, da imaginação ou da memória. Mas será toda a criação ficcional, mera expressão de uma experiência pessoal, ou “fingimento” para usar a palavra usada no título escolhido para este painel? Esta comunicação parte da hipótese de que ficção e fabulação correspondem a regimes distintos da criação. Através de alguns exemplos literários e da cosmogonia indígena, procurar-se-á pensar a fabulação, não como uma modalidade da ficção, mas como uma forma singular de criação cuja condição é precisamente aquilo que a modernidade ocidental declarou ser impossível.

Catarina Pombo Nabais

É Licenciada em Filosofia pela Faculdade de Letras da Universidade Clássica de Lisboa e Doutorada em Filosofia pela Université Paris VIII, sob a orientação do filósofo Jacques Rancière. Em 2013, publicou o seu primeiro livro intitulado *Gilles Deleuze: Philosophie et Littérature*, pela editora L'Harmattan, Paris, com um prefácio de Jacques Rancière, o qual foi publicado, em 2020, em Nova York, nos EUA pela editora Rowman & Littlefield, com o título *Deleuze's Literary Theory. The laboratory of his philosophy*. Mais recentemente, publicou *Para chegar ao branco último da palavra. Conversa com Rui Nunes e Sérgio Pombo*, pela editora Officium Lectio (2025) e *Towards Self-Design. Philosophical conversations* em coautoria com o filósofo, crítico de arte e teórico dos media Boris Groys (2022, Coimbra University Press). Para além dos seus livros autorais, também é editora de quatro livros, entre eles: *Processos criativos nas ciências e nas artes*. A questão da participação pública, pela editora Afrontamento (2021).

Professora Convidada no Departamento de Filosofia da Universidade de Évora e na Faculdade de Motricidade Humana da Universidade de Lisboa, Catarina Pombo Nabais foi também investigadora contratada no Departamento de História e Filosofia das Ciências da Universidade de Lisboa e membro integrado do Centro de Filosofia das Ciências da Universidade de Lisboa onde foi Coordenadora do grupo de investigação “Ciência e Arte” e Vice-Coordenadora do Grupo de investigação “Filosofia da Tecnologia, Ciências Humanas, Arte e Sociedade”. Em 2014, criou o Laboratório de Ciência-Arte-Filosofia “Science-Art-Philosophy Laboratory” (SAP LAB). Recentemente homenageada como uma das “101 Mulheres na Ciência” pela Ciência Viva - Agência Nacional para a Cultura Científica e Tecnológica de Portugal, Catarina Pombo Nabais orienta várias teses de doutoramento, tem muitos textos publicados no estrangeiro e é frequentemente convidada a dar palestras em universidades por todo o mundo.

Com uma Pós-graduação em Curadoria da Arte pela FSCH/Nova, em Lisboa, Catarina Pombo Nabais tem vindo a desenvolver trabalho como curadora, tendo organizado exposições em museus e galerias como o MUDE, Museu do Oriente, ou Coordoaria Nacional, e foi convidada para ser a Curadora da área “Ciência, Arte e Filosofia” do Festival Internacional FICA. É ainda fundadora e curadora da galeria de arte Oficina Impossível, em Lisboa.

“O conceito de verdade inscreve-se, no pensamento e no discurso filosófico, prioritariamente no âmbito da Epistemologia. Pretender transpô-lo, com as mesmas características, e sem o reconfigurar profundamente, para outros âmbitos, ainda que também interiores à própria Filosofia, como a Estética, a Ética ou a Política, pode levar-nos equívocos graves, suscetíveis de enviesar a reflexão e a argumentação. Não se fala de *verdade* a propósito da arte como se fala de *verdade* no conhecimento e na ciência, e também não se fala de verdade na ação moral e na ação política como se fala de *verdade* na percepção do mundo e das coisas. E algo de semelhante se pode dizer a propósito de fingimento, ilusão e, até mentira.



João Maria André

E doutorado em Filosofia, foi professor de Filosofia e Teatro na Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, onde lecionou Filosofia da Ciência, Multiculturalidade e Diálogo Intercultural, Antropologia do Teatro e Programação Cultural entre outras matérias. É autor de vários livros sobre Filosofia, Cultura e Teatro, sendo o mais recente *Pelos caminhos de Hermes: culturas, educação, hospitalidade e mediação*. Tem desenvolvido igualmente uma significativa intervenção cultural, sobretudo através da tradução, dramaturgia e encenação na Cooperativa Bonifrates de Coimbra e no Teatro Académico de Gil Vicente, de que foi diretor de 2001 a 2005. Foto © Paulo Abrantes

Assim, o grande desafio que aqui se nos coloca é este: tem sentido e, em caso afirmativo, que sentido tem falar de verdade na criação artística e na experiência estética? É, se verdade parece um conceito articulável com realidade, a que chamamos realidade quando falamos das artes, sejam as artes plásticas, as artes do palco, as artes do som e da imagem, as artes da palavra ou as artes próprias da construção da(s) cidade(s)?

As respostas a estas questões podem mostrar-nos que, progressivamente, deslizamos do chão da Epistemologia para o chão da Antropologia, e que é, talvez, afinal, do *sujeito humano*, dos seus poderes e dos seus limites que sempre falamos, mais do que do poder da verdade e das múltiplas conjecturas que a pretendem dizer, ou do poder da mentira, da ilusão e do fingimento.

15:00

A arte, a literatura e o fingimento autêntico

O palco, a tela e a página: como diferentes artes partilham o “fingimento autêntico” • A Ilusão necessária: o que as artes revelam quando se recusam a “copiar” a realidade? • Da licença poética ao abuso da verdade: onde fica a fronteira ética na criação?

Convidados

Catarina Pombo Nabais

João Maria André

Luís de Matos

Luísa Sobral

Provocador

David Erlich



Luís de Matos

É um dos mais reconhecidos mágicos portugueses e uma referência internacional da magia contemporânea. Com mais de três décadas de carreira, iniciou-se profissionalmente na televisão em 1990, tendo desde então apresentado espetáculos e programas em Portugal e em diversos países.

Distinguido com importantes prémios internacionais, entre os quais o prestigiado Devant Award, do The Magic Circle, e o título de “Mágico do Ano”, atribuído pela Academy of Magical Arts, Luís de Matos é reconhecido pela inovação, criatividade e dimensão das suas produções.

Artista, criador e produtor, desenvolve a sua atividade a partir do Estúdio 33, em Ansião, criando projetos que cruzam a magia, a televisão e o espetáculo ao vivo. A sua carreira continua marcada pela capacidade de surpreender e reinventar a arte da magia para públicos de todas as gerações.



“Luísa Sobral defende que a honestidade e a verdade são os pilares fundamentais da sua escrita de canções, procurando criar uma ligação genuína com quem a ouve através de histórias reais e sentimentos autênticos.

“Escrever para outra pessoa é um exercício de desapego generoso. Quando entrego uma canção, a minha verdade mistura-se com a verdade de quem a canta, e ver essa transformação é um dos processos mais bonitos da música.”

Luísa Sobral

É uma das cantautoras mais reconhecidas do panorama musical português, contando com uma sólida carreira internacional passando por vários continentes e festivais de prestígio mundial.

Estreou-se em 2011 com o aclamado álbum *The Cherry on My Cake*, iniciando uma discografia de originais que inclui os títulos *There's A Flower In My Bedroom* (2013), *Luísa* (2016), *Rosa* (2018) e *DanSando* (2022). Paralelamente, tem também criado projetos dedicados ao público infantojuvenil, sendo autora do disco *Lu-Pu-l-Pi-Sa-Pa* (2014), do mini-álbum de canções de embalar *Camomila* (2021), e ainda dos livros *Quando a Porta Fica Aberta* (2022) e *O Peso das Palavras* (2024).

Luísa Sobral tem desenvolvido uma forte vertente literária, destacando-se o sucesso do seu primeiro romance, *Nem Todas as Árvores Morrem de Pé* (2025), e o livro de crónicas *Da Minha Janela* (2026). Como compositora, escreve para grandes nomes da música e assinou *Amar Pelos Dois*, tema interpretado pelo seu irmão, Salvador Sobral, que deu a Portugal a vitória na Eurovisão em 2017. Enquanto produtora musical, tem também colaborado com vários artistas portugueses. Atualmente, prepara o lançamento do seu oitavo álbum, *Cartas de Desamor*, agendado para outubro de 2026, cujo primeiro single, *Felicidade*, assinala uma nova fase criativa inspirada na música tradicional portuguesa. Foto © Kenton Thatcher



David Erlich

Nascido em Lisboa no bicentenário da Revolução Francesa, é um dos intelectuais de Moscovide com maior projeção. Professor no ensino secundário, Mestre em Filosofia e em Ensino de Filosofia, com referência no Quadro de Mérito da NOVA FCSH, em que cursou o ano curricular do Doutoramento, obtendo o diploma em Estudos Avançados. Publicou artigos e foi orador em conferências académicas em Portugal, na Polónia e nos Países Baixos. Palestrante em duas TEDx, sobre Educação e Filosofia. Poeta com três livros publicados e diversas distinções literárias. É coautor, com Ana Sofia Freitas, do *Isto Dá Que Pensar*, podcast da Antena 1, na qual integra também o programa *O Movimento das Coisas*, e coanfitrião, com Catarina Barosa, do *Princípio da Inquietação*, podcast do Espanto – Festival Internacional de Filosofia. Lançou pela Planeta, em 2024, *A Bebedeira de Kant* e outros 49 episódios da história da filosofia para pensar a sorrir, e, em 2026, *21 Lições de Filosofia* para viver uma vida quase boa. Já trabalhou como lanterninha, operador de call center, monitor de campos de férias e pacote.

“Há filosofia que facilmente podemos incluir na literatura, como *A República de Platão*, e outra em que dificilmente o fariamos, como *A Crítica da Razão Pura*, de Kant. Porquê? O que distingue a filosofia literária da filosofia não-literária? E relativamente à literatura: há literatura filosófica e não-filosófica? Que fronteiras, e que pontes, há entre literatura e filosofia?

Uma jogada de futebol *mágica*. Um fim de tarde *mágico*. Um parágrafo *mágico*. O que queremos dizer quando dizemos, de alguma coisa, que ela é *mágica*? O *mágico* é racional, irracional ou

uma racionalidade mascarada de irracionalidade? O que de há de pragmático no *mágico*, e de *mágico* no pragmático? Associamos a magia a truques: e a filosofia, também tem truques?

Conectamos as artes à *performance* de modo mais imediato do que associaremos a filosofia a uma *performance*. Mas filosofar pode ser um ato *performático*? Se não, porquê? E, se sim, que semelhanças há entre a *performance* artística propriamente dita e a *performance* filosófica? A montante: uma *performance* é um fingimento, *um dizer a verdade* ou ambos?

17:30

A última verdade: a morte e o significado da vida

O cansaço da perfeição: O conflito entre o “eu” que brilha e o “eu” que falha perante a finitude. • Aceitar que somos vulneráveis e efêmeros perante a morte não nos liberta da ilusão de termos de ser extraordinários? • No final, quem recorda o nosso legado está a celebrar quem fomos ou a consumir uma narrativa ficcionada?

Convidados

Alexandre Borges
João Carlos Onofre Pinto
José Manuel Heleno
Olga Pombo

Provocadora

Marta Faustino



“Sabemos, desde Sócrates, que filosofar é aprender a morrer. A perder, a falhar, a despedir-se de todas as ocasionais pequenas glórias. A envelhecer, ver partir os nossos, passar o nosso tempo, fecharem os nossos lugares, esvaziar-se a sala, deixar de ser belo, deixar de ser importante, deixarem de saber o nosso nome, deixarmos de saber o nosso nome.

Que é o mesmo que dizer: o sentido da vida está em procurá-lo. Por entre o grande, contínuo, jogo da perda.

A morte é o deus imperturbável que tudo nivela: o rico, o pobre, o crente, o ateu, o jovem, o velho, o bom, o mau, o belo, o feio, o que tudo deu e o que tudo levou. Se aqui não estivesse, com o seu recorrente lembrete negro e inegociável, quanto adiaríamos ainda mais tudo?

Mas, nos dias tremendos que vivemos, há quem ameace matar a morte. Os transumanistas sonham fundir humano e máquina, descarregar os nossos cérebros, com todas as suas memórias e impulsos, para um computador, no interior de um robô que, eventualmente, nos mimetize.

Vencidos por uma coisa que não está viva. É por quem a possa pagar. A derrota final.

Penso em Chaplin e em como dizia que a vida estava ao contrário, que deveríamos nascer velhos e doentes e, a pouco e pouco, rejuvenescer, curarmos-nos, ver encher a vida de amigos e terminar a brincar, a rir de tudo e no colo da nossa mãe.

“Pai / Tenho medo de morrer depois da morte / Tenho de medo de morrer antes da vida” (Daniel Faria)

Alexandre Borges

É natural de Angra do Heroísmo (1980) e vive e trabalha em Lisboa. Licenciado em Filosofia pela Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, desenvolve a sua actividade como escritor, argumentista, locutor, formador de escrita e argumento, cronista e comentador na imprensa escrita, rádio e televisão.

Integrou as equipas responsáveis por múltiplos programas da televisão portuguesa em diferentes géneros, da ficção ao documentário. Foi editor de cultura de A Capital, crítico de cinema do jornal i e é, desde 2016, colunista do Observador.

Tem obra publicada em ficção, poesia, teatro e história. Os seus livros *O Boato – Introdução ao Pessimismo* (Companhia das Ilhas, 2013), *Atenção ao Intervalo entre o Caos e o Comboio* (Letras Lavadas / Ngna Poesia, 2021) e *As Peças* (Letras Lavadas, 2025) foram selecionados para o Plano Regional de Leitura – Açores.

Foi finalista dos prémios literários Guerra Junqueiro e Glória de Sant’Anna e vencedor do Prémio de Comunicação pela Diversidade Cultural 2017, na categoria de guião, atribuído pelo Alto-Comissário para as Migrações. Entre outros, foi argumentista de *Santa Rita Dream*, curta-metragem de Diogo Rola, vencedora do 1.º Azorean International Film Festival – categoria Family Friendly Film, prémio do público no Azores Fringe – Shorts@fringe e vencedor do Monza Film Fest, categoria Best Romance. *A Ilha dos Gigantes*, realizado por Nuno Sá, foi distinguido como melhor documentário no Fica Mx International Animal and Envrionmental Film Festival 2025, nomeado para melhor filme no Wildlife Conservation Film Festival 2025, medalha de prata no CIMA SUB – Ciclo Internacional de Cine Submarino de Donostia – San Sebastián 2025 e melhor documentário na 1.ª edição do OFF – Ocean’s Film Fest 2023. Em 2020, *Na Corda Bamba* foi nomeada para o Emmy Internacional de melhor telenovela do ano.



João Carlos Onofre Pinto

Nascido em 1970, em Ponte de Lima, é Professor da Universidade Católica Portuguesa, em Braga, na área da Filosofia, onde leciona principalmente nas áreas da Filosofia Contemporânea e Filosofia da Religião. Membro da Companhia de Jesus desde 1988, estudou Filosofia e Humanidades em Braga, Teologia em Roma e Berkeley (EUA) e obteve o doutoramento na Pontificia Universidad Comillas de Madrid, com uma tese sobre Xavier Zubiri. É membro do Centro de Estudos Filosófico-Humanísticos da Faculdade de Filosofia e Ciências Sociais (Braga, UCP).



“Difícil pensar como somos nada para o universo e tudo para nós próprios. O inconsciente faz de nós seres imortais; seres que vivem como se fossem eternos. E mesmo que saibamos que não é assim, teimamos em sentir de outro modo.

A morte é a ausência eterna, como se fosse isso o mais difícil de pensar. Mas como podemos imaginarmo-nos eternamente ausentes? É certo que podemos ver aquele que deixou de viver como alguém que deixou de ter sensações. Mas porque é tão invulgar ver apenas isso?

Dizia Novalis que estamos sós com tudo aquilo que amamos. E se não escolhemos nascer nem tão pouco podemos escolher não morrer, que podemos escolher e ser enquanto viventes? Uma das convicções mais fortes da filosofia é a de que podemos viver de outro modo se pensarmos a morte de outra maneira.

José Manuel Heleno

É doutorado em filosofia contemporânea pela Faculdade de Letras de Lisboa (2000). Atualmente é professor aposentado, tendo lecionado no ensino secundário, no ISLA e na Escola Superior de Tecnologia de Abrantes. Foi também investigador no Centro de Estudos de Filosofia na Faculdade Católica Portuguesa (2006-2020). Participou em inúmeras atividades, encontros ou colóquios e publicou livros (novelas e ensaios), para além de escrever artigos em revistas como Phainomenon, International Journal of Philosophy, Revista Filosófica de Coimbra, Aoristo, Philó-sophos e outras.

“A morte é simultaneamente uma certeza e uma realidade da qual procuramos escapar. Ontem como hoje, é grande a tentação da fuga: Epicuro procurava neutralizar a inquietação perante a morte, Pascal denunciava as diversões com que procuramos esquecer-la, Freud observava que, no mais fundo de nós mesmos, dificilmente acreditamos na nossa própria morte, e Heidegger lembrava que procuramos constantemente esquivar-nos à consciência de sermos seres-para-a-morte. Verificamos nas sociedades contemporâneas um oscilar entre a ocultação da morte e a sua banalização mediática. Queremos afastá-la do olhar e da conversa, ou fazemos humor com ela, como se fosse possível exorcizá-la ou adiar indefinidamente a pergunta que ela nos faz. No entanto, como recordava Jankélévitch, a morte permanece “o problema por excelência”, aquele de que nunca conseguimos libertar-nos completamente.

É provavelmente por isso que uma parte significativa da tradição filosófica entendeu a filosofia como *meditatio mortis*. De Platão aos estoicos, de Cícero e Séneca a muitos pensadores contemporâneos, filosofar significou aprender a encarar a finitude com lucidez e coragem. Não se trata de cultivar um fascínio mórbido pela morte, mas de reconhecer que a consciência da mortalidade ilumina a própria vida. A reflexão sobre a morte é, em última análise, uma reflexão sobre o sentido da existência, sobre aquilo em que vale a pena apostar o nosso tempo, o nosso cuidado e o nosso amor. Contudo, talvez hoje seja necessário completar a *meditatio mortis* com aquilo que Josep Maria Esquirol designa como uma atenção renovada ao nascimento e ao mistério de cada existência. Se a morte nos recorda os nossos limites, o nascimento lembramos o caráter absolutamente extraordinário e imerecido de estarmos aqui. Mais do que definir o ser humano como um “mortal”, Josep Maria Esquirol propõe vê-lo como um “nascente”, um início singular ferido pela vida, pelo amor, pela morte e pelo mistério do mundo. Pensar a morte continua a ser necessário; mas talvez o seja para aprendermos, com maior profundidade, a agradecer e a cuidar da vida que nos foi dada.

17:30
A última verdade: a morte e o significado da vida

O cansaço da perfeição: O conflito entre o “eu” que brilha e o “eu” que falha perante a finitude. • Aceitar que somos vulneráveis e efêmeros perante a morte não nos liberta da ilusão de termos de ser extraordinários? • No final, quem recorda o nosso legado está a celebrar quem fomos ou a consumir uma narrativa ficcionada?

Convidados
Alexandre Borges
João Carlos Onofre Pinto
José Manuel Heleno
Olga Pombo
Provocadora
Marta Faustino



Olga Pombo

Mestrado em Filosofia Moderna, Doutoramento em História e Filosofia da Educação, Agregação em História e Filosofia da Ciência pela Universidade de Lisboa. Foi Professora (até 2016) do Departamento de História e Filosofia das Ciências da FCUL de que foi Presidente desde a sua fundação em 2007 até 2012. Fundadora e coordenadora do Centro de Filosofia das Ciências da Universidade de Lisboa e do Programa Doutoral FCT em Filosofia da Ciência, Tecnologia, Arte e Sociedade da mesma universidade (até 2016). Tem publicados cerca de centena e meia de títulos em Portugal e no estrangeiro sobre Filosofia Moderna, em especial Leibniz, Filosofia da Ciência (Unidade da Ciência, Interdisciplinaridade, Imagem Científica), Filosofia da Linguagem (Hobbes, Espinosa, Rousseau, Hegel), Enciclopédismo e Hipertexto, Filosofia da Escola e, mais recentemente, sobre Ciência e Arte, cujo ensino iniciou em Portugal. Coordenadora de diversos projetos nacionais e internacionais, membro fundador da Société de Philosophie des Sciences (Paris), membro honorário da International Association for the Study of Controversies (AISC) e do conselho científico do Réseau National des Maisons des Sciences de l'Homme (Paris, 2015-2022). Foi selecionada como uma das 100 figuras do livro Mulheres na Ciência, editado pela Ciência Viva em 2016. É atualmente presidente da Mesa da Assembleia Geral da Sociedade Portuguesa de Lógica e membro da Comissão Consultiva do Centro de Estudos Interdisciplinares da Universidade de Coimbra.

que vive. Ou melhor, quando finalmente se desvela, nós já não estamos lá para a contemplar.

Em que sentido poderá, então, a morte ser considerada a última verdade? A sua universalidade e inevitabilidade bastarão para lhe atribuir esse privilégio? E em que medida pode a morte ser a chave para se compreender o sentido da vida? Será que a consciência da finitude tem necessariamente de fazer da vida uma preparação para a morte? Estas interrogações conduzem a uma inversão de perspetiva: em vez de procurarmos na morte a verdade última da vida, poderíamos pensar a vida como a experiência metafísica privilegiada, como o lugar da construção e manifestação da verdade. Talvez a questão decisiva seja, portanto, não o que a morte finalmente é ou nos revela da vida, mas o que podemos sentir, dizer, conhecer, pensar, fazer e criar enquanto estamos vivos. Se a morte não for pensada como a última verdade, então é a vida — e não a morte — que constitui o lugar onde a verdade acontece. Talvez que a sabedoria seja uma meditação, não sobre a verdade da morte, mas sobre a vida como verdade.

“ Num colóquio que tem por tema geral “A força da verdade”, como interpretar a existência de um painel sobre a morte? Qual a relação da morte com a verdade? O que pode a morte ter a ver com a verdade? O título do último painel parece responder a essa questão uma vez que a morte é aí qualificada como “A última verdade”. O título do painel vai ainda mais longe ao estabelecer uma relação entre “a morte o significado da vida”. Mas, será de facto a morte a última verdade? E, em que sentido poderá a morte estar relacionada com o significado da vida?

A questão exige que interroguemos o próprio conceito de verdade. Podemos distinguir duas grandes formas de a pensar: a verdade do dizer, na tradição aristotélica, enquanto possibilidade de dizer das coisas aquilo que elas são; e a verdade como *aletheia*, como aquilo que se manifesta e vem à presença. Ora, a morte parece escapar a ambas. Podemos saber que somos mortais e afirmar que vamos morrer, mas, em rigor, nada podemos verdadeiramente dizer sobre a morte. Saber que vamos morrer não é saber o que é morrer. E a morte também não pode ser pensada como *aletheia* porque ela não se desvela àquele



Marta Faustino

É Professora Auxiliar de Filosofia na Faculdade de Ciências Humanas da Universidade Católica Portuguesa. Doutorada em Filosofia pela Universidade NOVA de Lisboa, foi, entre 2013 e 2025, investigadora integrada no Instituto de Filosofia da NOVA (IFILNOVA), onde coordenou o projeto financiado pela FCT “Mapping Philosophy as a Way of Life: An Ancient Model, A Contemporary Approach” (2023-25). É cofundadora e atual coordenadora da International Society for Philosophy as a Way of Life (ISPWL) e membro de várias redes de investigação internacionais, incluindo o Groupe International de Recherches sur Nietzsche (GIRN), o HyperNietzsche, a Red Iberoamericana Foucault, a Mellon Philosophy as a Way of Life Network e o Center for Metanoia Studies. É membro do conselho editorial das revistas Eidos: A Journal for Philosophy of Culture e Inquietude, bem como da coleção Philosophie dell'esercizio, da ETS. As suas principais áreas de investigação são a filosofia prática, a filosofia como modo de vida e a receção da filosofia antiga no pensamento contemporâneo. É autora de várias publicações sobre Nietzsche, Hadot, Foucault e os filósofos helenísticos, e coeditora de Nietzsche e Pessoa: *Ensaio* (Tinta-da-china, 2016), *Rostos do Si: Autobiografia, Confissão, Terapia* (Vendaval, 2019), *The Late Foucault: Ethical and Political Questions* (Bloomsbury, 2020), *Filosofia Como Modo de Vida: Ensaio Escolhidos* (Edições 70, 2022) e *Hadot and Foucault on Ancient Philosophy: Critical Assessments* (Brill, 2024). É, desde 2025, curadora do ESPANTO – Festival Internacional de Filosofia.

“ Qual a relação entre a consciência da nossa morte e o significado que atribuímos à nossa vida? A morte não nos confronta apenas com o fim da existência, mas com o sentido de tudo o que fazemos, desejamos e projetamos em vida. Qual o sentido de todos os nossos projetos, ambições, conquistas e realizações se todos eles desembocarão necessariamente na morte, no nada? A consciência da finitude pode assim petrificar-nos num medo de que toda a nossa existência seja insuficiente, falhada, em vão – ou pode transformar-se numa exigência permanente de realização de algo que nos seja próprio: aproveitar o tempo, realizar-nos, cumprir-nos, deixar uma marca, tornar-nos alguém que valha a pena recordar, vivermos uma vida autêntica.

Reconhecer a nossa finitude significa perceber que somos efêmeros e vulneráveis perante a morte: implica compreender que a morte é a possibilidade que acompanha todas as outras possibilidades e que, portanto, podemos morrer a qualquer instante. Qual o impacto desta compreensão na forma como vivemos, decidimos e agimos, desde as decisões mais importantes às ações mais quotidianas? Provocará a consciência da nossa mortalidade uma pressão acrescida para vivermos vidas extraordinárias, ou poderá ela, pelo contrário, libertar-nos desse peso e impelir-nos simplesmente a usufruir do nosso breve tempo de vida, aproveitando cada momento como se fosse o último?

E o que dizer do tempo que fica depois de o nosso se esgotar? Qual a importância do nosso legado e do que fica de nós quando já não estamos cá para reconhecer ou corrigir aquilo que ficou? O legado, a memória e as histórias que contamos sobre quem morreu podem preservar alguma coisa de uma vida, mas podem também transformar essa vida numa narrativa que já não pertence àquele que a viveu, não sendo claro se aquilo que permanece é ainda a pessoa que fomos ou apenas aquilo que os outros conseguem e querem recordar de nós. Quão importante poderá ser, afinal, para a nossa vida garantir que a memória que de nós fica será fiel a quem fomos?

22:00
Espetáculo: Um Toque Divinal

A partir de uma linha onde o corpo e a voz são guiados no espaço através de textos autorais que exploram, de forma provocadora, temas de intervenção social, Huba aborda sobre verdades que considera urgentes e convida o espectador a mergulhar num universo de reflexões sobre o papel individual e coletivo na busca de soluções para uma sociedade mais justa.

Artista
Huba Mateus



Huba Mateus

Nasceu em Luanda, Angola, e construiu um percurso multidisciplinar entre as artes cénicas, a realização audiovisual e o poetry slam. Tornou-se uma referência da cena lusófona de spoken word após vencer competições como o Slam Tundawala, Luanda Slam, o campeonato nacional de Poetry Slam em Portugal (2022) e o Todo o Mundo Slam em 2020 e 2022. Representou ainda Portugal em campeonatos europeus e mundiais de poetry slam. Foi orador no TEDx Lisboa 2023 e desde então é artista residente na mesma plataforma junto do coletivo Wako Kungo. Em 2026 ganhou grande projeção mediática ao conquistar o Botão Dourado no programa Got Talent Portugal, chegando à final com performances centradas em poesia autoral e reflexão social. O seu trabalho aborda identidade, amor, espiritualidade, igualdade e transformação pessoal.



***Uma cidade se não tiver
acontecimentos pequenos
não é grande.***

José-Alberto Marques